

Quem ainda for vivo, não diga “nunca”

Álvaro Correiaⁱ

Escola Superior de Teatro e Cinema - Instituto Politécnico de Lisboa, Portugalⁱⁱ

Resumo - Quem ainda for vivo, não diga “nunca”¹

Trata-se de um relato sobre o trabalho pedagógico e artístico de *A Mãe* de Bertolt Brecht com as músicas do José Mário Branco, inserido na unidade curricular de Interpretação III do ramo de Atores, do curso de Teatro da Escola Superior de Teatro e Cinema nos anos lectivos 2018/19 e 2024/25.

Palavras-chave: José Mário Branco. Brecht. Teatro. ESTC. Mãe.

Abstract - As long as you're alive, never say “never”

This is a description about the pedagogical and artistic work on Brecht's *The Mother*, with music by José Mário Branco, included in the Interpretation III module of the Acting program at the Escola Superior de Teatro e Cinema during the 2018/19 and 2024/25 academic years.

Keywords: José Mário Branco. Brecht. Theatre. ESTC. Mother.

Resumen - Quien siga vivo, que no diga “nunca”

Esta es una descripción del trabajo pedagógico y artístico sobre la obra *La Madre* de Brecht, con música de José Mário Branco, incluido en el módulo de Interpretación III del programa de Actuación de la Escola Superior de Teatro e Cinema durante los años académicos 2018/19 y 2024/25.

Palabras clave: José Mário Branco. Brecht. Teatro. ESTC. Madre.

¹ frase retirada do último monólogo da personagem Pelagea Vlassova de *A Mãe* de Brecht/Gorki

Este trabalho é sobre a minha experiência pedagógica ao trabalhar duas vezes, em 2018/19 e 2024/25, *A MÃE* de Bertolt Brecht com as músicas do José Mário Branco. Este trabalho esteve inserido na unidade curricular de Interpretação III do ramo de Atores, do curso de Teatro da Escola Superior de Teatro e Cinema.

I - BRECHT E JOSÉ MÁRIO BRANCO

Há alguns anos que temos trabalhado na ESTC textos de Brecht. Esta decisão tornou-se premente para nós como fonte de trabalho porque permite aos alunos trabalharem textos de forte caráter político mas também a utilização da música e das canções como um elemento tão importante como os diálogos escritos.

A decisão de trabalhar este texto do Brecht, na sua versão de 1938, e as músicas que o José Mário Branco compôs para o espetáculo que a Comuna-Teatro de Pesquisa encenou em 1977, em vez de trabalhar as canções do Hanns Eisler, está carregada de simbolismo e de um certo pendor pessoal e afetivo.

De há uns anos para cá que tenho reflectido sobre a forma como em Portugal se cuida tão mal da memória, do legado cultural. Daquilo que se foi fazendo e que faz parte da nossa história e que nos define tal como somos. Sempre achei que existia um problema de auto estima na forma como nos relacionamos com a nossa cultura, os nossos artistas e criadores. Não valorizando o que foi feito e que aquilo que hoje nos permite fazer o que fazemos deve-se a outros, que lutaram e que nunca desistiram ou vacilaram para conseguir concretizar o que pretendiam.

Sendo assim, em 2018, ao escolher a *A MÃE* de Brecht mas com as canções do José Mário Branco, estava, não só a trabalhar um material importante do teatro mais político de Brecht, mas também a trabalhar sobre um período importante da história pós-revolução do 25 de Abril, pouco depois das grandes tensões políticas que se passaram em 1976, com a consequente crise política e económica que se viveu em 1977/78, anos em que se estreou e se manteve em cartaz o espetáculo da Comuna *A MÃE*.

Há uma grande lacuna histórica na investigação em teatro sobre o período antes e pós revolução. Período rico em inovação e risco.

É a partir daqui que nasce o meu desejo de partilha com os futuros atores e criadores em formação deste universo tão rico.

O conjunto de canções de *A MÃE* de José Mário Branco, é uma obra-prima da música portuguesa, marcada por uma singularidade que reside na fusão de tradição e vanguarda, na complexidade do fraseado e na profundidade da narrativa musical e textual. José Mário Branco reinterpreta formas tradicionais (como o fado, a música coral e o folclore) através de arranjos inovadores, usando técnicas de colagem sonora, dissonâncias e estruturas não lineares. José Mário Branco trata a voz como um instrumento narrativo, adaptando o fraseado às inflexões do texto. As melodias seguem a cadência da fala, aproximando-se do *recitativo* operático ou do *sprechgesang* (técnica de canto falado). As letras são densas, cheias de simbolismo e ironia, e o fraseado musical reforça essa complexidade, alternando entre momentos líricos e secções mais abruptas, muito teatrais.

Enquanto Brecht dava importância a um discurso claro e pedagógico, José Mário Branco explora uma linguagem mais poética e simbólica. As canções não seguem fielmente a trama de Brecht/Gorki, mas criam uma alegoria própria sobre a resistência em Portugal pós-Revolução, uma reinterpretação autónoma do mesmo universo temático. A experiência com Brecht foi fundamental para o seu desenvolvimento artístico, especialmente na forma de integrar música e narrativa política. José Mário Branco funde influências brechtianas com uma abordagem mais pessoal, experimental e profundamente portuguesa. Esta relação mostra como José Mário Branco absorveu e transcendeu as lições do teatro épico, criando uma obra única que dialoga com a tradição revolucionária, mas a reinventa através da sua visão musical e poética. E esta colaboração com a Comuna deu-se de forma perfeita criando um espectáculo que foi e é ainda um marco do teatro pós revolução de 74. *A MÃE* da Comuna-Teatro de Pesquisa, com as canções de José Mário Branco, foi mais do que um espetáculo: foi um ato político, um instrumento de consciência. A sua importância reside na forma como uniu teatro brechtiano, música de intervenção e o contexto revolucionário português, criando uma obra que continua a ecoar como exemplo de arte transformadora.

2 - A MÃE e a ESTC

Enquanto que em 2018 a razão da minha escolha era mais afetiva e de transmissão de um legado histórico, como já referido, em 2024 a decisão de voltar a este material é um pouco diferente.

Vivemos momentos históricos únicos, transformações ao nível sócio- económico e geopolítico muito rápidas, alterações e mudanças de muitas coisas que tínhamos por garantidas e que nunca imaginávamos ser possível retrocederem, o aparecimento de novas guerras sem uma possível previsão de fim.

Daí achar necessário voltar a este universo onde se discute e reflete sobre uma ideia de luta sobre o que não está bem, e que devemos lutar pelos direitos que já estavam garantidos e se possível por uma vida melhor e mais estável, onde os direitos não sejam ameaçados e as diferenças económicas não sejam tão gritantemente diferentes. Quase que é necessário voltar a falar de uma nova luta de classes. Esta geração de jovens alunos não vêem o seu futuro garantido e têm de aprender a arranjar estratégias de sobrevivência para conseguirem fazer e lutar pelo que desejam enquanto futuro artístico e pessoal.

O impacto deste trabalho é bastante forte. Apesar do texto do Brecht/Gorki falar de um tempo histórico que se situa antes da Revolução Russa, as analogias que se estabelecem com o agora são muitas. O percurso de aprendizagem da personagem da mãe, desde a total passividade para uma mulher revolucionária e que não cede nem mesmo depois do assassinato do seu filho, transforma-a como exemplo, não de um ponto de vista heróico, mas no sentido daquilo que cada um de nós pode fazer e contribuir para um bem melhor. Para mim é essa uma das razões mais interessantes do teatro de Brecht, podermos refletir sobre um determinado assunto ou problema e deixar-nos o espaço para a discussão e reflexão.

No trabalho artístico-pedagógico que desenvolvo com os alunos a partir deste material, é precisamente através da apropriação das canções do José Mário Branco que os alunos compreendem e aprofundam o trabalho textual do Brecht. A exigência técnica do fraseado das canções exige aos alunos uma depuração muito grande da articulação da palavra em português que melhora de forma directa a elocução e a dicção do texto falado. E para mim é essa a mestria e qualidade das canções do José Mário Branco.

Estas canções têm também um poder muito forte de identificação, quase catártica, não só em quem as interpreta mas também no público. Este ano sugeri aos alunos acrescentar

mais uma canção do José Mário Branco que seria cantada já depois dos aplausos, em jeito de encore, uma canção que pertence ao disco *SER SOLIDÁRIO*, chamada *EU VI ESTE POVO A LUTAR*. A escolha não é inocente, servia como forma de alertar que temos a escolha de não ser passivos e apáticos em relação ao que estamos a viver neste momento, e que já fomos mais fortes e combativos quando foi necessário. E que também cabe a esta geração que está em formação, encontrar as formas e os meios para exigir aquilo a que têm direito.

Relato recebido em 05/06/2025 e aprovado em 22/06/2025.

DOI: <https://doi.org/10.26512/vozcen.v6i01.58506>

Para submeter um manuscrito, acesse <https://periodicos.unb.br/index.php/vozecena/>

ⁱ Álvaro Correia. alvarocorreia@netcabo.pt.

ⁱⁱ This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

